

# **INFLUÊNCIAS DA OBRA BYRONIANA SOBRE A OBRA DE ÁLVARES DE AZEVEDO: Enigmas de Uma Época**

**SOUZA, Claudia Margan de.\***  
margan@ig.com.br

**PAULA, Noemi Rodrigues de. (Orientadora)**  
Graduada em Português/Inglês), coordenadora e Prof<sup>ª</sup> do curso de Letras-  
Português/Inglês da Universidade Tiradentes – UNIT.  
letras@unit.br

## **RESUMO**

O presente trabalho se dedica ao exame das possíveis influências da obra byroniana sobre a obra de Álvares de Azevedo, poeta ultra-romântico, expoente da Literatura Brasileira. A época Romântica e o estilo Romântico, excepcionais entre si mesmos estão de certa forma, prestigiados nas páginas deste artigo que é um esforço de perceber um pouco mais da literatura brasileira produzida no século XIX, inserida em um panorama social novo e indefinido.

Palavras-chave: Influências; Byroniana; Azevedo; Romântico; Brasileira.

## **ABSTRACT**

This scientific article is dedicated to examine possible influences of byronian style on Álvares de Azevedo literary production. Álvares de Azevedo was an exponential poet of Brazilian Literature. The Romantic Age and the Romantic style, exceptional by themselves, are standing within his article, an effort to perceive a little

Key-words: Influences; Byronian; Azevedo; Romantic; Brazilian.

---

\* Claudia Margan de Souza é licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe, pós-graduada pela Universidade S. Oliveira-RJ, participa do Grupo de Estudos em História da Educação da UFS, sob a orientação da professora Doutora Anamaria Bueno, é professora da Rede Particular de Ensino. Atualmente é estudante do Curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tiradentes.

Este artigo tem por objetivo lançar um olhar sobre as influências da obra de Lord Byron (Literatura Inglesa) sobre a obra do poeta ultra-romântico, Manoel Antônio Álvares de Azevedo (Literatura Brasileira).

Para ampliar a abrangência desse olhar foram consultadas obras de estudiosos a exemplo de Massaud Moisés, Sérgio Gonzaga, J. Guinsburg, Afrânio Coutinho, além da própria obra do poeta paulista do século XIX.

Partiu-se da contextualização no tempo e no espaço, no exercício da visualização da vida social à época Romântica. Depois, a abordagem envolve diretamente o poeta Álvares de Azevedo, numa tentativa de buscar um possível paralelo de comparação entre seu espírito e o espírito de Byron. Em alguns pontos as obras dos dois parecem irmanar, principalmente na temática. Longe esteve Byron de ser influenciado por Azevedo, mesmo porque este tinha sete anos de idade quando faleceu o Lord inglês, aos 36 anos.

Ilustram este artigo versos e estrofes, tanto de Lord Byron, quanto de Álvares de Azevedo. Nos exemplos oferecidos o leitor terá a oportunidade de comparar os dois poetas e, assim, chegar a um entendimento do mundo lírico vivenciado por aqueles que representam a inspiração romântica.

Durante os séculos XVII e XVIII, o Império Germânico se debatia em lutas entre católicos e protestantes e a França queria de volta as possessões espanholas, alemães e holandesas.

Os conflitos do século XVIII envolveram: a morte de Carlos II da Espanha (1700); a Grande Aliança de Haia entre os Países Baixos e que gerou a Guerra de Sucessão da Espanha enfrentada pela França; os tratados de paz (Utrecht – entre os Países Baixos) e Rastadt (Alemanha), em 1714. Entre 1740 e 1748 veio a Sucessão da Áustria; o Tratado de Aix-la-Chapelle. Oito anos depois aconteceu a Guerra dos Sete Anos e o tratado assinado em Paris,

em 1763, que deu à Inglaterra as terras do Canadá e da Flórida (Estados Unidos), além de liberdade de ação nas Índias

No ano de 1776, segundo Arruda (1980, p. 115):

As treze colônias inglesas da América do Norte declararam-se independentes. A França e a Espanha, que queriam ver a Inglaterra enfraquecida, apoiaram os americanos na sua Guerra da Independência. Os ingleses foram derrotados em Saratoga (cidade americana), em 1780. A paz começou a ser discutida em Londres no ano de 1782. O Tratado de Versalhes, assinado em 1783, reconheceu a independência dos Estados Unidos da América, restituiu a Flórida à Espanha e o Senegal (no Oeste da África) à França.

O progresso da técnica na indústria imprimiu à sociedade inglesa do século XVIII transformações que geraram a Revolução Industrial, passando a sociedade de rural para industrial assalariada e utilizando em lugar da energia humana, a energia a vapor. Foi a indústria do algodão, fiação e tecelagem que fez a prosperidade da Inglaterra do século XVIII. Segue-se ao progresso a reação contrária à mecanização pois, os tecelões, “revoltados, procuraram destruir as máquinas e fábricas, como por exemplo, em 1769 na cidade de Lancaster e em 1779 no condado de Lancashire (Inglaterra)”. (Arruda, op. cit, p.129).

A população londrina ultrapassou, à época, um milhão de habitantes. A concentração industrial dividiu a Inglaterra em Inglaterra Negra (Norte e Oeste), do carvão; e a Inglaterra Verde (Sul e Sudoeste), da agricultura e do pastoreio.

No Brasil, as origens da industrialização estão ligadas ao do capital cafeeiro e São Paulo colocou-se na vanguarda. As etapas da industrialização vão de 1888 e se estendeu até 1962.

O mundo, representado principalmente pela Europa e Estados Unidos; o Brasil capitaneado por São Paulo, eis o panorama do surgimento do Romantismo na Literatura Brasileira.

A sociedade brasileira do século XIX tinha uma estrutura diferente da européia, não há propriamente uma burguesia e sim o poder nas mãos dos latifundiários. As cidades foram

se afirmando gradativamente, em 1808 aconteceu a vinda da família real que promoveu a abertura dos portos, dinamizando o comércio. Depois foram fundadas faculdades, instalada a imprensa e se formando uma elite promotora da vida cultural, dentro dos moldes europeus.

O início do movimento romântico entre nós coincidia com o processo de nossa autonomia histórica, de que a transladação da corte para o rio de Janeiro (1808) e a proclamação da Independência (1822) constituem marco miliário. O segundo acontecimento, transcorria às margens do Ipiranga, como que anunciava o deslocamento do eixo entre o Rio de Janeiro e São Paulo. (MOISÉS, 1985, p.19)

Foi em São Paulo, no dia 12 de setembro de 1831 que nasceu Manoel Antônio Álvares de Azevedo<sup>2</sup>. Viveu apenas 21 anos e deixou importante obra poética representativa do Romantismo brasileiro, e de tendência denominada de *mal-du-siècle*.

O individualismo, o subjetivismo, o sentimentalismo, a imaginação e fantasia; a valorização do passado principais marcas românticas impregnaram a obra azevediana: Lira dos vinte anos (poemas-1853); Noite na taverna (contos-1855); o conde Lapo (poema 1886) e Macário (drama - 1855).<sup>3</sup>

A valorização do passado, característica românticas, causou um certo descompasso no Brasil tendo em vista a própria “ausência” histórico-cultural. Na Europa, os poetas valorizavam o seu passado medieval, as narrativas de feitos das cavalarias, como é o caso do Rei Arthur da Távola Redonda.

No Brasil, principalmente na prosa romântica, buscou-se o romantismo centrado na figura do índio, usando como ícone de brasilidade. O romance de José de Alencar, o guarani, é um exemplo, apesar da crítica sobre a idealização do índio, mostrado de forma distante de sua realidade.

---

<sup>2</sup> Faleceu no Rio de Janeiro em 1852.

<sup>3</sup> Toda obra publicada posteriormente.

“As obras de Álvares de Azevedo trazem a marca de adolescência- mas de uma adolescência tão dilacerada e tão conflituosa que termina por representar a experiência mais dramática do nosso Romantismo”. (GONZAGA, 2001, p. 50)

Segundo o autor citado, a poesia de Álvares de Azevedo explora a “pose de cinismo” e sua experiência lírica se amplia (amor, orgia, medo); morte; tédio, humor, dúvida. Apesar de o poeta se declarar um “dom Juan”, exprime seu temor às relações amorosas. Coloca a mulher na posição de símbolo erótico e pureza virginal distanciada da “profanação” que seria toca-la na se trata de uma menina, de uma adolescente, mas de uma mulher representativa de todas as mulheres.

Gonzaga (op. cit, p. 52) exemplifica o medo de Álvares dito em seus próprios versos:

Não acordes tão cedo! Enquanto dormes  
Eu posso dar-te beijos em segredo  
Mas, quando nos teus olhos raia a vida,  
Não ousa te fitar... Eu tenho medo

O medo maior, o medo verdadeiro, no entanto não foi o da mulher, mas o da morte. O seu medo de morrer era também ao mesmo tempo um mórbido desejo. Isto é, conviviam os dois sentimentos: o temor à morte e a irresistível atração pelo mistério que ela representa

Há, na poesia de Azevedo, a insígnia<sup>4</sup> da influência *byroniana*. George Gordon, Lord Byron, nasceu em Londres e morreu na Grécia (1824). Uma romântica figura, vestia-se com elegância, lutou pela independência da Grécia, satirizou a maneira de viver e ser dos ingleses e detestava a falsidade.

Child Harold (1809-1817) é uma produção na qual Lord Byron narra a história de um homem que viajou para bem distante porque estava desgostoso com os prazeres fúteis da vida. Este homem é o próprio Lord Byron.

---

<sup>4</sup> Insígnia = marca, sinal, ícone; representatividade.

Esclareça-se que, com respeito à poesia, byronismo e Ultra-Romantismo são rótulos que não identificam a produção literária do país no segundo momento da estética literária. Mas trata-se da intensa atividade de poética que, partindo de São Paulo, propagou-se pelo Brasil inteiro.

(...) Álvares de Azevedo e seus companheiros trocaram os motivos “ingênuos” em moda no período anterior pelo tédio, a desesperação e o satanismo. Substituí o amor-medo, feminóide, pelo amor doentio, vicioso, fruto de neuroses ou “paraísos artificiais” transformaram a melancolia em visão da morte, ao mesmo tempo desejada e temida... (MOISÉS, p. 138)

O autor ainda adianta tenha ou não os “delírios” atribuídos a Byron e seguidores influenciado Azevedo, não há importância crítica em estabelecê-la.

Importa estabelecer que Lord Byron se dizia um poeta clássico, um admirador incondicional da cultura greco-latina, adepto da razão em detrimento daquilo que considerava uma “doença”: o romantismo. No fundo, Byron conservava atitudes românticas como: a angústia, o amor à natureza e o gosto pelo exotismo oriental. Essa preferência transparece nitidamente em sua obra *The Giaour*, e outros textos narrativos. A parcialidade pelo macabro e o sofrimento eram bem vindos, como convinha aos seguidores do Romantismo – uma forma de sentir-se vivo, sensível.

Álvares de Azevedo, por sua vez, na opinião de Bosi apud Guinsburg (org.), “abrindo a segunda parte da *Lira dos Vinte Anos*, remonta a uma tradição de humor que vem de Rebelais e Cervantes...”

Cervantes, em seu D. Quixote, cultivava esse humor entre o ridículo e o lírico de seu personagem, o cavaleiro “nobre”, D. Quixote de La Mancha.

Álvares tanto seguiu Byron como Musset. Alencar diz sobre a influência cruzada dos dois poetas, como em “o poema do frade” e o “Conde Lopo”.

O byronismo de Álvares de Azevedo não obedeceu absolutamente a um imperativo natural e isto pode ser visto atrás de suas narrativas dramáticas, em prosa ou verso, engendradas sob a ação desse poderoso cardial, servindo quase sempre pela mão de Musset. (CUNHA, op. cit, p. 148)

Não se configurava um “imperativo natural” porque Álvares de Azevedo teve o seu estilo, inconfundível, sóbrio, elegante.

As influências são normais e salutareas em todas as artes, da literatura à pintura; da música à dança, etc. Dentro dessas possíveis influências, sejam quais forem as épocas, há artistas que se notabilizam por sua marca forte que se sobressai a de seus modelos de inspiração.

Revela-se a diferença Álvares/Byron pois este era um retórico enquanto aquele até em sua correspondência amistosa/íntima “empregava o jargão romântico”. Por isto mesmo, o sergipano Silvio Romero batizou Álvares de “um child Harold de gabinete”. O equivalente a “hippy de boutique”.

Sonho, amargura, ironia romântica e humana perpassam a obra de Álvares de Azevedo. Afrânio Peixoto colocou-o entre os nossos primeiros humoristas<sup>5</sup>, “mas há que distinguir, pelo visto, a qualidade extremamente específica desse “humor”. (CUNHA, op. cit, p. 151)

Costuma-se dividir a obra azevediana em três faces diversas: a sentimental, ingênua, cheia de sonhos de adolescente; a macabra , tipicamente satânica; irreverente irônica.

Há versos em que caracteriza a mulher como em:

#### **PÁLIDA INOCÊNCIA**

Cette image du ciel – innocence et beauté!

Lamartine

Por que pálida inocência,  
Os teus olhos em dormência  
A medo lanças em mim?  
No aperto de minha mão  
Que sonho do coração  
Tremeu-te os seios assim?

---

<sup>5</sup> Humorista, relativo a humor, típico da literatura inglesa; equivale a uma fina ironia.

e em

### SONETO

Pálida, à luz da lua sombria  
Sobre o leito de flores reclinada,  
Como a lua por noite embalsamada,  
Entre as nuvens do amor ela dorme!.

Segundo Cunha (2002, p. 141),

A natureza hostil encheu, em suma, de algum terror a imaginação desse sôfrego adolescente a quem as leituras estrangeiras apontaram que pudesse encontrar estabilidade em nenhuma delas. Era lógico que a imagem da vida circunstante refletisse em Álvares de Azevedo a dolorida posição de sua sensibilidade, levada a refugiar-se em suas compensações abstratas, a poesia e o amor, como deu a compreender nestes versos.

A vida é uma planta misteriosa  
Cheia d'espinhos, negra de amarguras,  
Onde só abrem duas flores puras  
A poesia e o amor. ("TRINDADE")

Transparecem nos versos da poesia de Álvares de Azevedo, de Junqueira Freire, de Fagundes Varela, a obsessão pelo fim que parece “receber mais de uma paisagem, noturna ou marinha, mas sempre acabam refluindo para o indivíduo, ser mortal por excelência”:

Tu foste como o sol; tu parecias  
Ter na aurora da vida a eternidade  
Na larga fonte escrita...  
Porém não voltarás como surgias!  
Numa treva maldita! (ÁLVARES DE AZEVEDO, “Um cadáver de poeta”)

A questão dos sonhos (típico da primeira fase da obra de Álvares de Azevedo) é assim analisada por Moisés (1985, p. 143):

O evasíonismo, que ao final de contas os temas da morte e de Deus testemunham ainda se manifesta por meio de outra obsessão, na qual pareceu condensar-se todas as dessa fase da carreira de Álvares de Azevedo: o sonho.

Fui um doudo em sonhar tantos  
amores,



Que loucura, meu Deus!  
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,  
Todos os sonhos *meus*"

O “cerebralismo”, da artificiosidade e da “contaminação do veneno literário” que levou Azevedo a criar uma supra e *sui generis* realidade, onde quem sabe se escondesse ou se protegesse. É em *Lira dos Vinte Anos* que “acentua o volume do diapasão, com o assumir o tem da morte (...); agravava-se, por via do byronismo, o clima fúnebre da primeira parte” (...).

E, ainda mais; “Decreto cômico de pervagar o reino da estreita fantasia nos poemas byronianos”. (MOISÉS, p. 147)

Coutinho (2002) atribui a entronização do Romantismo à alma brasileira, à “exigência natural” desse povo, a um “gosto específico”. O estudioso inclui entre os “escritores brasileiros mais populares dos que mais eco despertaram no público”, o nome de Álvares de Azevedo.

Álvares de Azevedo é a primeira afirmação realmente notável do individualismo romântico no Brasil, admirado pelos seus contemporâneos e, mesmo até os dias atuais. Ressalta-se a preocupação azevediana com o lado noturno: “as sombras, o crepúsculo, a noite, os túmulos”.

O byronismo era a mais sedutora dessas experiências, com estrepitosa repercussão em São Paulo, onde, por volta de 1845, conforme o testemunho de José de Alencar, grassava entre a estudantada a mania de byronizar: “todo estudante de alguma imaginação queria ser Byron e tinha por destino inexorável copiar ou traduzir o Lord inglês. Álvares de Azevedo, que para lá seguiu dois anos depois, contagiou-se rápida e irremediavelmente daquele vírus literário, passando a ter em Byron um de seus principais orientadores ou desorientadores, embora fosse exatamente a contraparte de sua personalidade. (CUNHA, p. 147)

O estudioso afirma que, principalmente na segunda parte da *Lira dos Vinte Anos*, “o byronismo de Álvares de Azevedo esparrama-se nos longos poemas de *Poesias Diversas* (“O Poema do Frade”, “O Conde Lopo...”) e, sobretudo em *Noite na Taverna* e *Macário*.

E após ébrio de amor no frouxo leito  
 Entre os aromas de esfolhadas flores  
 Quero dormir c'ao loira peito,  
 No lábio dela – as vivas cores  
 Quero-as ver desmaiar num ar desfeito!  
 Amá-la no luar, viver de amores!  
 Ó noite! Da ilusão que a vida esquece  
 Que mais doce tremor nos enlanguesce?

Álvares de Azevedo “o mais alto representante” do byronismo no Brasil, pela “exaltação da boêmia sem freio, a louca alegria de viver à Epícuro o momento que passa” (...), sendo nos textos em prosa (*Noite na Taverna, Macário*), o “ápice” em matéria de byroniana. Trata-se da morbidez, do cinismo, das perversões conúbios sexuais forçados ou resultantes de traição, do ludíbrico, do engano, do incesto, da antropofagia, do fantástico. Esse fantástico, porém, “inverossímil, artificioso, europeu e de segunda mão (...) gestado mais ao estímulo de textos literários que do contexto sócio-cultural (...)”. (op. cit, p. 151)

A análise de Moisés, que até evoca os estudos de Freud para desvendar a alma de Álvares de Azevedo através do seu texto em prosa e verso coloca o poeta ultra-romântico numa posição de neurótico, um paranóico, um supra-real.

Na posição de Gonzaga (2001, p. 52-53), entretanto, Álvares foi um ser que prestou sim, sim ao mundo real, quando “troca suas fantasias eróticas, seus sonhos de amor e sua obsessão pela morte por uma espécie de cansaço existencial, o tédio”. O olhar do poeta sobre esse mundo real, distanciado exagero romântico, o fez descobrir *o cotidiano*, *o mundo prosaico*, um dos poucos momentos em que desce do sublime e penetra no vulgar. O tédio de Azevedo está expresso em:

Vou ficando blasé, passeio os dias  
 Pelo meu corredor, sem companheiro  
 Sem ler, nem poetar. Vivo fumando (...)

Nestes versos o poeta faz sua auto-análise. Descobre-se *blasé*, isto é comum, ultrapassado, até enfasiado de si próprio. Parece sentir um vago, uma solidão que compensa fumando.

Cantou, temeu e desejou a morte:

Se eu morresse amanhã, viria ao menos  
 Fechar meus olhos minha triste irmã;  
 Minha mãe de saudades morreria  
 Se eu morresse amanhã!

O *se* demonstra a condição, o temor, a esperança e a consciência de uma fatalidade iminente .

Declarou-se: “– Foi poeta – sonhou e amou na vida”. (epitáfio desejado)

Entregou-se aos torpores do álcool:

Vem fozoso cognac ! É só contigo  
 Que sinto-me viver. (...)

Byron amou a natureza:  
 Amei-te Oceano! Em meus folguedos juvenis  
 ir levando em teu peito, como tua espuma,  
 era um prazer; desde meus tempos infantis  
 divertir-me como as ondas dava-me alegria;  
 (...)

Byron sonhou, teve a sua visão do Apocalipse:

Eu tive um sonho que não era tudo um sonho  
 O sol esplêndido extinguiu-se, e as estrelas  
 Vaguejavam escuras pelo espaço eterno  
 (...)

Entregou-se a Baco, e ao pensamento da more:

Bebe enquanto puderes; quando tu e os teus  
 já tiverdes partido, uma outra gente  
 Possa te redimir da terra que abraçar-te,  
 E festeje com o morto e a própria rima tente.

Nos versos seguintes, o tédio, a angústia, a desilusão:

## A INÊS

Não me sorrias à sombria fronte,  
 Ai! Sorrir eu não posso novamente:  
 Que o céu afaste o que tu chorarias  
 E em vão talvez chorasses, tão somente.

E perguntas que dor trago secreta,  
 A roer minha alegria e juventude?  
 E em vão procuras conhecer-me a angústia  
 Que nem tu tornarias menos rude?

Não é o amor, não é nem mesmo o ódio,  
 Nem de baixa ambição honras perdidas,  
 Que me fazem opor-me ao meu estado  
 E evadir-me das coisas mais queridas.

De tudo o que eu encontro, escuto, ou vejo,  
 É esse tédio que deriva, e quanto!  
 Não, a Beleza não me dá prazer,  
 Teus olhos para mim mal têm encanto.

Esta tristeza imóvel e sem fim  
 É a do judeu errante e fabuloso  
 Que não verá além da sepultura  
 E em vida não terá nenhum repouso.

Que exilado – de si pode fugir?  
 Mesmo nas zonas mais e mais distantes,  
 Sempre me caça a praga da existência,  
 O Pensamento, que é um demônio, antes.

Mas os outros parecem transportar-se  
 De prazer e, o que eu deixo, apreciar;  
 Possam sempre sonhar com esses arroubos  
 E como acordo nunca despertar!

Por muitos climas o meu fado é ir-me,  
 Ir-se com um recordar amaldiçoado;  
 Meu consolo é saber que ocorra embora  
 O que ocorrer, o pior já me foi dado.

Qual foi esse pior? Não me perguntes,  
 Não pesquises por que é que consterno!  
 Sorri! Na sofras risco em desvendar  
 O coração de um homem: dentro é o Inferno.

Dos seus mais famosos, aqueles inscritos numa taça feita de um crânio:

## VERSOS INSCRITOS NUMA TAÇA FEITA DE UM CRÂNIO

Não, não te assustes: não fugiu o meu espírito  
 Vê em mim um crânio, o único que existe  
 Do qual, muito ao contrário de uma fronte viva,  
 Tudo aquilo que flui jamais é triste.  
 Vivi, amei, bebi, tal como tu; morri;

Que renuncie e terra aos ossos meus  
Enche! Não podes injuriar-me; tem o verme  
Lábios mais repugnantes do que os teus.

O Romantismo possivelmente é a tendência mais marcante, mais significativa, mais estudada por especialistas e que, até hoje influencia poetas e escritores.

Guinsburg considera o Romantismo um “espírito” mágico que buscou as esferas mais profundas do homem.

O século XIX se notabilizou pelas transformações sócio-econômicas e culturais. Enquanto a Inglaterra se debatia entre o intenso progresso e o fastio das máquinas, os Estados Unidos buscavam sua independência e o Brasil tomava seus primeiros impulsos em direção da sua própria identidade nacional.

A literatura e as Artes em geral refletem a ambiência, o contexto. No Brasil, tudo era novo, a burguesia germinava, a cultura intelectualizada criava suas primeiras penugens, os olhos voltavam-se para Portugal e toda a Europa, principalmente a França. Os nossos escritores espelhavam-se nos moldes clássicos e, ao mesmo tempo, sentiam a lacuna, a falta de um passado como o da Europa com o medievalismo. Debatiam-se então, os produtores de cultura entre a imitação, a repetição, a influência inevitável e o desejo de construir a própria história. Talvez esse conflito tenha gerado medos, tensões, complexos, decepções, etc.

De qualquer forma, a angústia não da adolescência nacional, mas de sua infância permitiu que o Romantismo brasileiro fosse expressivo.

As influências sobre o panorama literário brasileiro foram inúmeras e exerceram seu poder sobre todos os poetas, romancistas, ensaístas, etc. Principalmente foram influenciados os poetas que, no dizer do poeta inglês William Wordsworth “são os trombetas que contam a batalha; os poetas são os legisladores não reconhecidos do mundo”.

Lord Byron, ondrino, dono de uma personalidade extravagante, um homem dividido entre o clássico e o romântico, desenvolveu seus trabalhos dentro desta bipolaridade.

Álvares de Azevedo, um jovem paulistano, inteligente e atormentado, numa luta psicológica entre o amor, a vida, a morte, o tédio da própria vida e a “incestuosidade” inocente.

A boemia uniu as letras dos dois vates, as do primeiro talvez mais vivenciadas; as do 2º mais surreais.

Na verdade, algo fica muito nítido, a influência existiu, mas não fez de Álvares de Azevedo um imitador uma cópia ou uma sombra byroniana. Álvares é genial, verdadeiro e real em sua própria irrealdade, concreto em seu martírio lírico, em seu abraço com a Morte.

Tem muitíssima razão Massoud Moisés quando não considera importante, do ponto de vista crítico, estabelecer se os “delírios” atribuídos a Byron influenciaram ou não. Álvares de Azevedo.

Álvares não se transformou em Byron e nem em Musset. Teve e tem luz, vida e obra próprias e perenes, imortalizado na sua entrega/submissão à morte. De que viveria então um poeta se não se evadisse para outros mundos, se deles tem ciência? Importa à poesia o Belo, venha das Ninfas, das Fágides, da antevisão de mundos visitados por outros igualmente poetas; formais ou livres os versos são o transporte para esses universos. Mesmo a poesia de cunho social e de protesto, não deixam de ser um prisma através do qual se percebe parte do mundo dito real. E o poeta, pelo simples fato de ser poeta poderá perguntar se o real é real. Da mesma forma que a Filosofia diz que a verdadeira é relativa.

A poesia é uma espécie de bebida, de vinho e, quando alguém bebe, o corpo ocupa um lugar no espaço real – a mente entretanto, ocupa um espaço diferente desse real.

## REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson de. **A história moderna e contemporânea**. São Paulo: Ática, 1980.
- BOSI, Alfredo. Imagens do romantismo no Brasil. In (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. São Paulo: Ática, 1996.
- COUTINHO, Afrânio. O movimento romântico. In COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.
- COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.
- CUNHA, Fausto. O individualismo romântico. In COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global, 2002.
- GONZAGA, Sergius. **Manual de literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- GUINSBURG, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- MOISÉS, Massoud. **História da literatura brasileira**. Romantismo. Vol. II. São Paulo: Cultrix, 1985.
- THORNLEY, G. C. and Roberts, Gwyneth. **An Outline of English literature**: Longman Group Ltd., 1984.
- VIZZIOLI, Paulo. O sentimento e a razão nas poéticas e na poesia do romantismo. In Guinsburg, J. (org.). **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.